

A ESCRITA NOS AUTOS DE QUERELA DO SÉCULO XIX: DO PASSADO AO PRESENTE

Emilia Maria Peixoto Farias (UFC)

emiliapfarias@globo.com

Expedito Eloísio Ximenes (UECE)

eloisio22@hotmail.com

Patrícia de Oliveira Batista (UFC)

Katharine Silva de Oliveira Soares (UFC)

A variação e a mudança são características naturais das línguas, para as quais concorrem fatores de ordem social e cultural que podem marcar a fala e a escrita de uma sociedade ao longo do tempo. Nesse contexto, as pesquisas que se debruçam sobre documentos remanescentes têm importância inquestionável, pois nos permitem conhecer a escrita de uma sociedade em épocas distantes e compreender fenômenos linguísticos atuais.

O presente trabalho discute a grafia registrada em documentos do início século XIX da Capitania do Ceará intitulados Autos de Querela, nos quais estão denunciados os mais diversos tipos de delitos.

Para tanto, analisamos as ocorrências gráficas manifestas nos documentos, a fim de se caracterizar o período historiográfico da língua portuguesa ao qual pertencem.

1. Os períodos da história da ortografia da língua portuguesa

A tradição histórica da ortografia portuguesa é marcada por três períodos: (1) o fonético, que se inicia com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI; (2) o pseudoetimológico, que se inicia no século XVI e vai até o ano de 1911, quando se inicia o terceiro e último período denominado de moderno ou reformado. Há, contudo, estudiosos como Joaquim José Nunes que reconhecem na história da ortografia portuguesa somente os dois primeiros períodos.

1. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

2. Professor do Curso de Letras.

3. Mestranda CAPES/DS do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

4. Bolsista PIBIC/CNPq do Curso de Letras.

No início da escrita da língua portuguesa, aqueles que a escreviam procuravam reproduzir muito fielmente as formas manifestas na oralidade. A escrita caracterizava-se por uma representação fonética quase fiel dos sons da fala. Esse é o primeiro período da ortografia da língua portuguesa em Portugal e no Brasil. Denominado de *fonético*, estendeu-se do século XII ao século XVI. Mesmo que a tentativa fosse de representar muito proximamente os sons da fala, a escrita fonética nunca foi considerada adequada.

De acordo com Carvalho (1996, p.1), "como não havia norma [...], o som /i/ podia ser representado por *i*, por *y*, e até *h*; a nasalidade por *m*, por *n*, ou por *til*, etc." Segundo o autor, ainda nesse período, o sistema ortográfico manteve-se conservador em relação às mudanças na pronúncia de ler (leer) e ter (teer). Essa simplificação não é uma característica desse período.

Nunes (1989) classifica a história da ortografia portuguesa em dois períodos: o fonético e o pseudoetimológico e tece o seguinte comentário relativo ao primeiro período:

...caracteriza este período a representação, pelas letras, dos sons que elas realmente representam, consoante a evolução por eles sofrida, e a ausência, em geral, de caracteres não proferidos. Verdade seja que essa representação nem sempre acompanhou *pari passu* as alterações que se foram dando e por vezes conservou-se antiquada em relação ao desenvolvimento da língua. (NUNES, 1989, p. 193).

Segundo Pereira (1932), o sistema fonético consiste em escrever como se pronuncia, fazendo com que a palavra escrita seja a imagem da palavra falada. Contudo, como há inúmeras diferenças nos falares dos indivíduos, a uniformidade na ortografia era apenas um ideal a ser buscado. O resultado desse sistema é um sincretismo na escrita como bem refere o autor:

...este systema, tão preconizado pelos phoneticistas, não offerece, comtudo, base uniforme para uma reforma orthographica, vista a grande variedade da pronuncia, de região para região e de século para século. Sendo nelle a palavra escripta a imagem exacta da palavra fallada, a mudança constante da pronuncia determinaria a constante mudança de sua representação. (PEREIRA, 1932, p. 102).

De acordo com Paiva (2008, p. 176), houve ainda o fenômeno em que "as vogais orais simples alternaram-se constantemente na

passagem do latim para o português. Assim, encontramos *a* em lugar de *e* ou *e* por *a* (...)”.

O segundo período, denominado pseudoetimológico, sofre grande influência do latim, devido ao momento renascentista pelo qual atravessava a história. Esse momento é marcado pela valorização da cultura clássica e representa, na escrita, a tentativa de se recuperar a tradição etimológica greco-latina. Surgem, assim, grupos consonantais como: *th* (tesouro), *ph* (farmácia), *rh* (rheumatismo) e *ch* (trachéia). Como houve excessos em relação à grafia justificada em pretensa etimologia, como em *lyrio*, Carvalho (1996, p. 2), afirma que “a ignorância não deixava ir além da pseudo-etimologia.”

O terceiro e último período, denominado de moderno, simplificado ou reformado coincide com a codificação, pela primeira vez, da ortografia do português por Portugal. Quando desse fato, a escrita já estava bem diferente das realidades fonéticas e não estava predominantemente presa à etimologia. Segundo Castro (2007, p. 2), “a comissão de linguistas encarregue pela República de fazer uma ortografia, produziu um documento tecnicamente muito bom.”

Desde então, muitos foram os acordos e as reformas para tornar unificada a ortografia do português do Brasil e de Portugal. Muitas foram também as discussões calorosas em torno do tema. Mais do que apontar inconsistências ou mesmo descuidos com a grafia dos autos, teremos o interesse maior em mostrar como a sociedade brasileira, mais precisamente, a cearense, registrou seus momentos em instâncias legitimamente representadas e representantes do nosso povo.

2. A grafia nos Autos de Querela: o período fonético

Os Autos de Querela são documentos do poder judiciário, nos quais estão registradas as queixas referentes aos mais diferentes tipos de crimes. Os documentos manuscritos pertencem ao Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC), onde está reunido um rico acervo documental de natureza administrativa e notarial.

Para efeito do presente trabalho, foram consultados quatro códices do século XIX, compreendendo o período que se estende de

1802 a 1829. O período escolhido é marcado por valiosa fonte documental, pois inclui as duas últimas décadas da Colônia, 1802 a 1822, e os primeiros anos do Império, 1822 a 1829.

Nosso trabalho tem como base a obra de Ximenes (2006), que apresenta a transcrição de 67 documentos que compõem os quatro códices: o livro 39 é composto de dezoito autos, datados de 1802 a 1806; o livro 33 é composto de dezenove autos, datados de 1807 a 1813; o livro 64 é composto de dezessete autos, datados de 1811 a 1813 e o livro 1097 é composto de treze autos, datados de 1824 a 1829. A transcrição seguiu as normas de edição semidiplomática, conforme orientação adotada pelo grupo do PHPB (Para a História do Português Brasileiro).

Na perspectiva lexicológica, os manuscritos investigados incluem-se cronologicamente no período pseudoetimológico da ortografia da língua portuguesa. No entanto, pela análise que mostraremos a seguir, a grafia está indiscutivelmente marcada pelas formas gráficas do período fonético.

O período fonético coincide com o período arcaico ou nacional da língua portuguesa estendendo-se do século XII ao século XVI. Conforme Coutinho (1976, p.65), datam desse período os mais antigos documentos em prosa e em verso da língua portuguesa. Em prosa, os documentos são: o *Auto de Partilhas* (1192), o *Testamento de Elvira Sanchez* (1193) e a *Notícia de Torto* (1206?). Em verso, o autor cita duas cantigas: a primeira de *Pai Soares de Taveirós* (1189) e a segunda *Del-rei D.Sancho* (1194-1199).

Nas palavras de Mattos e Silva (2004, p.262), o início do português arcaico ainda é “uma questão aberta”, a tradição filológica marca como início desse período o surgimento de quatro documentos: sendo um oficial, *O Testamento de Afonso II* (1214) e três particulares: *Auto de Partilhas* e o *Testamento de Elvira Sanches*, datados do final do século XII, e a *Notícia de Torto* (1212-1214). Como discute a autora, trata-se de assunto ainda em discussão devido aos achados de Ana Maria Martins, que nomeia como os textos mais antigos escritos em português *testamentos*, *notícias* e *listas (fintos)* datados do período que vai de 1175 a 1252.

2.1. As vogais e as consoantes

Como dito anteriormente, o período fonético da ortografia portuguesa coincide com o período arcaico da língua portuguesa (século XII – século XVI). O objetivo principal dos copistas da época era tornar mais acessível a leitura dos escritos, aproximando-a sempre e o quanto possível das formas expressas na língua falada.

Esse é um fato que merece algumas considerações, pois, segundo Paiva (2008, 175), os documentos datados desse período poderiam ser cópias de originais e, por conseguinte, talvez não se mantivessem tão fiéis aos originais, ficando “sujeitos a enganos e interpretações erradas.”

No caso dos Autos de Querela, o registro dos documentos era atividade dos escrivães, que representavam na escrita as vozes dos sujeitos querelantes, querelados e das testemunhas, podendo, assim, grafar as palavras não conforme suas noções particulares de letramento, mas conforme o que ouvia dos sujeitos envolvidos durante o registro dos fatos. Além disso, existiam na época os copistas encarregados de copiar os documentos originais para os arquivos do governo, podendo alterar, ou até mesmo errar, a grafia original.

Dada a impossibilidade de espelhar a oralidade na escrita, muitas divergências ou flutuações gráficas caracterizaram esse período. A falta de uma norma ou padrão gráfico uniforme, aliado às diferenças regionais e descuidos ou negligências dos copistas culminaram em um “sincretismo das formas”, como bem chamou Coutinho (1976, p. 72).

Na obra de Ximenes (2006), as ocorrências gráficas registradas nos autos de querela, estão assim categorizadas:

Grupo 1: das vogais orais (*rezaõ*, *recibida*, *pitçaõ*, *conthicido*, *dílicto*, *pulegada*, *mølher*, *mama*luca)

1 (...) *ea rezaõ desua queixa Consiste, em que sen | do nodia Vinte, e-
dous doCorente mes, deAgosto | deste prezente anno demil oito Çentos
edous(...)* (Livro 39; Auto 1; página 46; linhas 20-2)

2 (...) *testimunha jurada aos San | tos Evangelhos emque pos Sua | mãõ
direita, eprometeo dizer | uerdade= Eprøguntado pelo | conthicido no-*

auto ecorpo de | *dílicto* (...) (Livro 33; Auto 1; página 87; linhas 135-137)

Grupo 2: das vogais nasais (casimbaõ, petiçam, õmem)

3 (...) *Oquerelado hé* | **hum** *homem decostumes pesimos, má Con* | *du-
ta, facinorozo, Ladraõ, ematador* (...) *por fazer nese Lugar* | *huã* *morte*
Seretirou deixando amulher | *daqual naõ faz caso* (...) (Livro 33; Auto
6; página 105; linhas 20-24)

4 (...) *õmem* *revoltouzo, epertubador do suçego público, no* | *Supra dito*
dia, mes, eanno deSeo moto proprio | *toCou fogo em hum rasado*(...) (Livro 39; Auto 1; página 46; linhas 25-26)

Grupo 3: das consoantes simples (prezente, cazo, juis, secatris, notificaçe, axauaõ)

5 (...) *os Cazos de Assacino, ainda que naõ* | *hajamorte, ouferimento,*
edar bofe- | *tada, e assoutar mulheres pellalej* | *dequinze Janeiro demil seis* | *Centos, e Cincoenta edois sam* | *Cazos de Devassa, naCom-
formi-* | *dadeda referida lej tambem he* | *Cazodequerella* (...) (Livro 64;
Auto 2; página 155; linhas 33-36)

6 (...) *Secatris transverSal* | *mente feita naparte superior e* | *interna do*
Corpo junto ao | *dedo minimo*(...) (Livro 33; Auto 3; página 94; linhas 109-110)

Grupo 4: das consoantes dobradas (anno, querella, della, offendida, sette)

7 (...) *para emenda delles* | *satisfacçaõ da Querelante eda Re-* | *publica*
offendida; Por tanto= pede | *aVossa Mercê seja servido mandar* | *que*
distribuida esta e Jurando a | *Querelante a sua Querella se pro-* | *ceda*
aSumario (...) (Livro 33; Auto 16; página 141; linhas 55-58)

8 (...) *heCazodos proibi-* | *dos pellalej da ordenaçãõ li-* | *bro quinto*
titullo trinta e | *sette*(...) (Livro 64; Auto 3; página 158; linhas 29-30)

Grupo 5: das variações gráficas de uma mesma palavra (õmen, homem, algudoĩns, algudoins, petiçaõ, pitiçaõ, Christo, Cristo);

9 (...) por | ele mefoi entregue humaSua **pe** | **ticaõ** dequeixa despaxada pelo dito | | 9r <9 FA Ferreira> Dito Ministro (...) (Livro 33; Auto 2; página 89; linhas 10-12)

10 (...) Hi aqui Secontinha em dita | **piticaõ** de Querela, despaxo, edestri | buiçaõ (...) (Livro 33; Auto 2; página 90; linhas 52-53)

Grupo 6: dos grupos consonantais gregos e latinos (Asumpçaõ, escripto, *Christo*, *theor*, *Ignacio*)

11 (...) junto vai ao mesmo | traslado do Corpo de delicto do qual o | seu *Theor* he de verbo adverbium da | forma emaneira seguinte = <Petiçam> Petiçaõ= | Diz *Thereza* de Jezus (...) que ella Supplicante se lhe faz | percizo para poder tratar d' **acçaõ** criminal (...) (Livro 33; Auto 12; página 127; linhas 79-83)

12 (...) Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus | *Christo* de mil oito centos, evente quatro | Terceiro da Independencia (...) (Livro 1097; Auto 5; página 212; linhas 7-8)

Desses grupos, discutiremos o das *vogais orais* (grupo 1) e o das *consoantes simples* (grupo 3), por serem aqueles nos quais estão registrados os casos mais recorrentes.

Grupo 1: das vogais orais

Nos Autos de Querela, as vogais orais são grafadas de forma muito semelhante ao período atual. Contudo, algumas particularidades merecem destaque. A letra *i* é representada por *i*, *y* ou *h*, como em: *petiçaõ*; *nascimento*; *esvrevi*; *escrevj*; *ahi*. Como no período fonético, a letra *h* é usada para marcar o hiato entre duas vogais ou vogais de qualidade diferente, *poher* por *poer* (século XIII). Ressaltamos, também, que em casos com *hé*, a letra *h* é usada antes da vogal inicial para sinalizar vogal aberta e monossílabo tônico (Coutinho 1976, p. 74) ou mesmo para indicar hiato com a vogal da palavra anterior, uma vez que a conjunção *e* encontra-se registrada como tal nos autos. (Cf. WILLIAMS, 1961, p.35).

No grupo das vogais orais temos (CUNHA, 1986; COUTINHO, 1976):

recibida – **e por i** – recebe.d or (século XIII). Recepto (século XVI-I). Do latim receptor-ōris. Do latim *rēcipēre*;

conthícido – e por i – eçer XIII, eçer XIV etc. Do lat. **contigescĕrĕ* (incoativo de **contĭgĕrĕ*, do lat. cláss. *contĭgĕrĕ*), através da var. *contec*, hoje desusada mas que se documenta com frequência no port. Med., desde o século XIII|| acontecIMENTO XV.

píticaõ – e por i – *pitiçon* (século XIII).Do latim *pĕtĭtĭo*. Peticionar (século XX);

pulegada – o por u – medida de comprimento (século XIII). Polegar (século XVI). Polegar (século XVI). Do latim **pŏllicĭtĭā*, forma derivada de *pŏllicĕre*;

molher – o por u – *mulĕre* (latim clássico), *mulĭĕre* (latim vulgar), mulher português. *Moller* e *muller* (século XIII), com transposição do acento para sílaba posterior.

A explicação para a deslocação do acento dá-se em *i* ou *e* tônico em hiato, ou seja, seguido de outra vogal. Como no latim vulgar a tendência era evitar o hiato, o acento é transferido para a última vogal. São casos semelhantes: *parĭete* > *parĭete* > parede; *lintĕolu* > *linteólu* > lençol. Esses são casos de metaplasmos por transposição de acento para a sílaba posterior, denominado de diástole. (Coutinho 1976, p.138).

Ao considerar a gráfica dos Autos de Querela do início do século XIX, as vogais orais podem ser classificadas na conforme os aspectos fônicos neles registrados. Vejamos, na figura 1, algumas ocorrências presentes nos documentos investigados.

Ocorrência gráfica no início do século XIX	Variação fônico-(orto)gráfica	Caracterização do fenômeno
Recĭbida	[e] > [i]	Metaplasmo: metafonia da vogal oral em sílaba pretônica.
conthícido	[e] > [i]	Metaplasmo: metafonia da vogal oral em sílaba pretônica.
píticãõ	[e] > [i]	Metaplasmo: metafonia da vogal oral em sílaba inicial.
Pulegada	[o] > [u]	Metaplasmo: metafonia da vogal oral em sílaba átona inicial.
Molher	[o] > [u]	Metaplasmo: metafonia da vogal oral em sílaba átona inicial. Diástole, mudança do acento tônico para sílaba posterior.

Figura 1. Vogais simples

No caso das vogais orais, as ocorrências encontradas, em sua maioria, têm como motivação o fenômeno da metáfora representado pelas recorrências atinentes aos grupos [e] - [i] e [o] - [u].

Queiroz (2006, p. 31), também registra casos semelhantes em sua obra *A escrita autobiográfica de Doutor Remédios Monteiro*. A autora classifica essas variações como “índices grafo-fonéticos”, nos quais inclui as variações no uso de [e] e [i], [o] e [i], [o] e [u] e do [s] representado na posição intervocálica, pelos grafemas <s> ou <c>.

Grupo 3: das consoantes simples

Ocorrência gráfica no início do século XIX	Marca fônico-(orto)gráfica
prezente, cazo	<z> → [z]
juis, secatris	<s> → [s]
notificaçe	<ç> → [s]
cabeça	<c> → [s]
magestade	<g> → [ʒ]

Figura 2. Consoantes simples

Nas palavras *prezente* (do século XIII, do latim *praesēntāre*, século XIII) e *cazo* (século XV; do latim *cāsus*, século XIII) o z indica a realização da fricativa sonora [z].

A forma gráfica parece ser motivada pela necessidade de marcação da sonoridade do grafema <z> em posição intervocálica.

Nas palavras *secatris* (do século XVI, do latim *cicātrīx – īcis*) e *notificaçe* (século XVI *notifficar*, do latim *nōtificāre*) o s e o ç prestam-se à realização da fricativa surda [s]. No caso de *notificaçe*, cedilhar o c antes de e, às vezes, era comum, conforme Coutinho (1976, p.73).

Queiroz (2006, p.31) classifica como “variações etimologizantes” os grafemas <s> e <z> representando o [z].

Em *juis*, a palavra proparoxítone no latim clássico tornou-se paroxítone no latim vulgar, devido à influência do sufixo *-ice*. Dessa forma, passa ao português com *juiz*. (COUTINHO, 1976, p.140)

Vejamos: júdice > judíce > juiz. Nesse caso, acontece diástole pela deslocação do acento tônico da sílaba inicial para a posterior. Porém, a não-sonorização do <z> final faz com que <s> seja a forma de grafar que sinaliza esse fenômeno.

O mesmo princípio se aplica ao grafema <c> ao representar o [s] em *cabeça*. Conforme Lausberg (1962, p. 224), “uma realização uniforme do grafema <s> como [s], nem o latim nem o românico conseguiram conservá-la”.

Em *magestade* (século XIII, *magestade*, do latim *majestas-ātis*) o <g> realiza a fricativa sonora [ʒ]. No período fonético, <j> e <g> eram usados para representar o [ʒ], como no caso de *fujjo* e *fugo*. (COUTINHO, 1976, p.34)

3. Considerações finais

As análises feitas neste trabalho coincidem com os resultados apresentados em Oliveira (2009) e Queiroz (2006). Os exemplos colhidos nos Autos de querela do início do século XIX revelam variação na escrita motivada pela interferência da oralidade nos manuscritos. Dos casos examinados, os mais recorrentes são: variação no uso das vogais orais [e] > [i], [o] e [u] e variação no uso das consoantes simples [s] > [z].

A variação das vogais pretônicas dá-se por meio da harmonização vocálica, ou seja, do alteamento de [e] > [i] e de [o] > [u]. A presença da vogal alta na sílaba seguinte a <e> e a <o> motiva esse fenômeno.

A variação das vogais postônicas segue a prática de grafar <e> em ambientes reconhecidamente pronunciados como [i] como em *prezente*.

A variação das consoantes deve-se à possibilidade de realização da fricativa [s], por <s>, <ç> e <c>; a realização da fricativa [ʒ] dá-se por meio de <j> ou <g>.

Finalmente, podemos afirmar que a grafia registrada nos Autos de Querela revela características predominantemente do período fonético da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- CARVALHO, Manuel Mendes de. *Ortografias*. Disponível em: <http://www.dha.Inec.pt/npe/portugues/paginas_pessoais/MMC/Ortograf.html>. Acesso em: 20 nov. 2007.
- CASTRO, Rui. *Entrevista a Ivo Castro: a língua portuguesa no Brasil e em Portugal*. Entrevistador: Rui Martinho. Portugal, 2007. Entrevista concedida ao O ponto. Disponível em: <<http://ponto.altervista.org/Linguas/Articoli/castro.html>>. Acesso em: 20 nov. 2007.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ELIA, Sílvio. *Preparação à linguística românica*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.
- GONÇALVES BARBOSA, A. O contexto dos textos coloniais. In.: ALKIMIN, T. M. (Org.) *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. Novos Estudos, 2002. vol. III: p. 421-431.
- DE PLÁCIDO E SILVA. *Vocabulário jurídico*. Rio de Janeiro: Forense. 1963.
- ELIA, Sílvio. *Preparação à linguística românica*. 3 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.
- HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (s.d).
- LAUSBERG, Heinrich. *Linguística românica*. Berlin: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.
- MATTOS E SILVA. Novos indicadores para os limites do português arcaico. *Revista da ABRALIN*. vol III, n.1 e 2, julho-dezembro, 2004. p. 259-268.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP: FAPESP, 2001. Volume II. Primeiros estudos. Tomo II.

MELO, Gladstone Chaves. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1975.

MONTE, Vanessa Martins do. Os fonemas sibilantes e a variedade de sua representação em documentos setecentistas. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_436.pdf>. Acesso em: 09 jun 2010.

NUNES, Joaquim José. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 9. ed. Lisboa: Clássica, 1989.

OLIVEIRA, Klebson. A escrita que mascara e desmascara: alteamento de vogais átonas em textos brasileiros oitocentistas. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; SOLEDADE, Juliana. (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 216-226.

PAIVA, Dulce de Farias. Século XV e meados do século XVI. In: SPINA, Segismundo (Org.). *História da língua portuguesa*. São Paulo: Ateliê, 2008, p. 175-184.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1932.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. *A escrita autobiográfica de Doutor Remédios Monteiro*: edição de suas memórias. Salvador: Quarteto, 2006.

XIMENES, Expedito Eloísio. *Autos de querrela e denúncia*: edição de documentos judiciais do século XIX no Ceará para estudos filológicos. Fortaleza: Gráfica e Editora LC Ltda, 2006.

_____. Aspectos da ortografia fonética em um texto seiscentista do Ceará. 2006. Disponível em: <www.filologia.org.br/revista/45/01/pdf>.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Tradução de Antonio Houaiss. Instituto Nacional do Livro, 1961.